

Verbos de movimento, preposições direcionais e escalas

António Leal & Fátima Oliveira
FLUP/CLUP

Prepositions *para* and *até* are apparently similar in some contexts, but they give rise to distinct interpretations that are related to the aspectual profile of the predications. This work aims to explore the differences between *para* and *até* regarding the telicity of the predications projected by verbs of movement of the type *caminhar*. Two theoretical perspectives are compared and the data presented suggest that the contribution of these prepositions to the telicity of the predications can be described in a more accurate way by using the notion of ‘scale’, in a similar way to apparently unrelated constructions such as Degree Achievements.

Keywords: prepositions, verbs of movement, aspect, telicity, scales

Palavras-chave: preposições, verbos de movimento, aspeto, telicidade, escalas

0. Introdução

As preposições *para* e *até* podem combinar-se com verbos de movimento em Português Europeu (PE) denotando o argumento Alvo, destino da mudança no espaço sofrida por um Tema (cf. Duarte & Brito, 2003). Embora aparentemente semelhantes, a combinação destas preposições com diferentes tipos de verbos de movimento apresenta diferentes resultados do ponto de vista aspetual.

Este trabalho tem dois objetivos principais. Em primeiro lugar, pretende-se descrever as diferentes leituras aspetuais que podem ser apontadas às predicções que combinam um subtipo de verbos de movimento, os verbos do tipo *caminhar*, e SPs com a função semântica de Alvo introduzidos pelas preposições *para* e *até*. Em segundo lugar, a partir dos dados apresentados, pretende-se confrontar duas abordagens de índole teórica relativas ao valor semântico das preposições em apreço, assim como ao seu papel na determinação do perfil aspetual das predicções em que ocorrem.

Nesse sentido, principiaremos por descrever, de forma sucinta, as principais características dos verbos de tipo *caminhar* em PE, assim como as principais leituras das predicções que combinam verbos deste tipo e SPs com *para* e *até*. Numa segunda parte, são apresentadas de forma breve duas abordagens teóricas à contribuição dos SPs para a telicidade das predicções, designadas de “algébrica” e “escalar”, sendo feita uma proposta de análise dos dados que usa conceitos e ferramentas da abordagem “escalar”.

1. Os dados

A apresentação dos dados será feita em duas fases. Em primeiro lugar, descreveremos sumariamente o comportamento dos verbo de tipo *caminhar* tendo em vista a justificação da sua escolha para os exemplos em análise. Em segundo lugar, descreveremos algumas peculiaridades das preposições *para* e *até*, quando combinadas com este (sub)tipo de verbos.

1.1. Verbos do tipo *caminhar*

Leal & Oliveira (2008), num trabalho sobre verbos de movimento e preposições em Português Europeu, tomam como ponto de partida algumas observações formuladas em Levin (1993) e propõem uma distinção, no interior dos verbos de tipo *run* em Português Europeu, entre verbos do tipo *caminhar* e verbos do tipo *vaguear*. Do ponto de vista aspetual, os primeiros são lexicalmente indeterminados quanto à telicidade das predicções que projetam, enquanto os segundos determinam que as suas predicções são atélicas, no que diz respeito ao *inner aspect*. Esta diferenciação acarreta algumas consequências relativamente ao papel que os outros constituintes das predicções podem ter na construção aspetual. Assim, os SPs que coocorrem com verbos do tipo *vaguear* não têm qualquer influência no perfil aspetual das predicções, mais concretamente na sua telicidade, na medida em que os verbos deste tipo, sendo lexicalmente atélicos, não permitem que a predicção em que se inserem seja de natureza diversa. Já os verbos de tipo *caminhar*, sendo lexicalmente indeterminados relativamente à telicidade da predicção que projetam, permitem que as propriedades aspetuais dos SPs que coocorrem na predicção possam influenciar a sua telicidade.

Conclui-se, assim, que, no estudo do valor semântico dos SPs, será pertinente ter em conta, em primeiro lugar, qual é o papel que estes sintagmas desempenham quando coocorrem com verbos do tipo *caminhar*, na medida em que é com este tipo de verbos que as propriedades das preposições, nomeadamente as propriedades aspetuais, estarão mais em evidência. Consideraremos, portanto, apenas este subtipo de verbos de movimento na análise dos dados e principiaremos por apontar algumas das suas propriedades sintáticas.

De acordo com Leal & Oliveira (2008), os verbos do tipo *caminhar* evidenciam as seguintes características:

1. Combinação com SPs introduzidos por *para*

Os verbos do tipo *caminhar* admitem um sintagma preposicional introduzido por *para*, embora a aplicação dos testes tipicamente utilizados para a identificação de complementos e de adjuntos não seja conclusiva. Assim, em (1), *para casa* parece comportar-se como um adjunto, mas, em (2), comporta-se como um complemento do verbo.

(1) O João caminhou para casa e a Maria fez o mesmo para a escola. (fazer o mesmo = caminhar)

(2)* O que é que o João fez para casa? / Caminhou.

2. Combinação com SPs introduzidos por *até*

Os verbos do tipo *caminhar* admitem sem problemas um sintagma preposicional introduzido por *até*, como adjunto do SV.

(3) O João caminhou até casa.

(4) O João caminhou até casa e a Maria fez o mesmo até à escola. (fazer o mesmo = caminhar)

(5)p. O que é que o João fez até casa?

r. Caminhou.

3. Combinação com expressões de medição espacial

Os verbos do tipo *caminhar* admitem também a coocorrência com uma expressão de medição espacial (cf. (6)) que parece funcionar como complemento (cf. ((7)-(8)).

- (6) O João caminhou 30 metros.
 (7) */??? O João caminhou 30 metros e a Maria fez o mesmo 20 metros. (fazer o mesmo = caminhar)
 (8)p. */??? O que é que o João fez 30 metros?
 r. Caminhou.

4. Combinação com adverbiais do tipo *em x tempo*

Os verbos do tipo *caminhar* não admitem a modificação pelo adverbial temporal *em x tempo*, a não ser que esteja implícita uma distância determinada (cf. (9) e (10)) ou for considerado um percurso com fronteira final, definido através de um sintagma preposicional (cf. (11))¹.

- (9)a. */^{ok} O João nadou em 2 minutos.
 b. O João nadou 200 metros em 2 minutos.
 (10) a. */^{ok} O João nadou em 2 minutos.
 b. O João nadou uma piscina em 2 minutos.
 (11) O João nadou {até a/^{ok}/??? para} o barco em 2 minutos.

5. Combinação com adverbiais do tipo *durante x tempo*

Os verbos do tipo *caminhar* admitem sem problemas a modificação pelo adverbial temporal *durante x tempo* (cf. (12)).

- (12) O João correu/ nadou durante 30 minutos.

As particularidades elencadas anteriormente indiciam que este tipo de verbos projeta, de facto, predicacões de base atélica, mas que podem ser convertidas em predicacões télicas se for inserida alguma expressão com determinadas propriedades denotacionais, as quais, transferidas para a predicacão no seu todo, a convertam numa eventualidade télica. Isso pode ser feito por SPs introduzidos por *para* e *até* (e, também, expressões de medição espacial; cf. *O João caminhou 30 metros em 10 segundos*). Assim, as preposições *para* e *até* introduzem SPs que contribuem para a composição aspetual das predicacões em que ocorrem, pois introduzem um argumento com a função semântica de Alvo, delimitando, assim, o argumento incremental dos verbos de movimento (cf. Leal, 2009; 2010). A questão que se coloca tem a ver com a determinação exata dessa contribuição. Será a contribuição de *para* idêntica à de *até*? Ou dar-se-á o caso de, embora aparentemente idêntica, a função de *para* e *até* na construção aspetual das predicacões ser distinta? Argumentaremos, na secção seguinte, a favor da segunda hipótese e apontaremos alguns argumentos que sustentam esta posição.

1.2. Preposições *para* e *até*: questões aspetuais

As preposições *para* e *até* evidenciam leituras distintas quando ocorrem no interior de predicacões com verbos do tipo *caminhar*, nomeadamente quando coocorrem com expressões de medição espacial ou temporal.² Vejamos cada um destes casos.

1.2.1. Preposições *para* e *até* e adverbiais temporais

¹ A gramaticalidade do exemplo (11), com a preposição *para*, está sujeita a variação, na medida em que, para alguns informantes, o exemplo é gramatical, mas, para outros, é de aceitabilidade muito duvidosa.

² Muitos dos aspetos apontados na secção 1.2.1. foram já referidos em Leal & Oliveira (2008).

O SP introduzido por *para*, quando combinado com verbos do tipo *caminhar*, comporta-se como um objeto direto determinado no singular de um verbo tipicamente incremental, dando origem, nomeadamente, ao paradoxo do imperfectivo. Assim, se em (13a) é denotado um único evento e se infere que o João não chegou à escola, já em (13b) se infere que o João chegou à escola. Note-se contudo, que a aceitabilidade deste exemplo não é uniforme, na medida em que há falantes que o consideram pouco aceitável.

- (13)a. O João caminhou para a escola durante meia hora.
 b. ^{ok} / ??? O João caminhou para a escola em meia hora.

Os exemplos (14) mostram a semelhança que existe com os verbos de tema incremental: infere-se que o João não acabou de ler o livro em (14a), mas que acabou de ler o livro em (14b).

- (14) a. O João leu o livro durante meia hora.
 b. O João leu o livro em meia hora.

O SP introduzido por *até*, com verbos do tipo *caminhar*, tem um comportamento distinto do observado com *para* quando combinado com o adverbial *durante x tempo*, dado que não permite o paradoxo do imperfectivo. De facto, o exemplo (15a'), sendo aceite, tem uma leitura em que existe uma série de eventos de *o João caminhar até à escola*, série essa que se prolonga por meia hora (leitura iterativa), ou numa leitura em que existe um único evento, que consistiu em *o João caminhar*, e isso ocorreu ao longo de meia hora e, no termo temporal do evento, o João encontrava-se junto à escola - leitura mais natural se o adverbial *durante x tempo* seguir imediatamente o verbo, como em (15a''). Há, contudo, falantes que atribuem a (15a') uma leitura de evento único em que, no final, o João não se encontra na escola – portanto, uma leitura idêntica a (13a), com *para*. Note-se ainda, quanto a (15a'), que o exemplo é mais natural se houver uma pausa entre *durante meia hora* e *até à escola*, funcionando esta última expressão como um tipo de retificação ou informação acessória. Já (15b) mostra que o adverbial *em x tempo* está associado a uma leitura de evento único, inferindo-se que o João chegou à escola (uma leitura idêntica a (13b), com *para*).

- (15) a'. */# O João caminhou até à escola durante meia hora.
 a''. O João caminhou durante meia hora até à escola.
 b. O João caminhou até à escola em meia hora.

Apresenta-se de seguida um quadro-síntese com as distintas leituras apontadas às predicções analisadas.

<i>para</i>		<i>até</i>			
<i>em x tempo</i>	<i>durante x tempo</i>	<i>em x tempo</i>	<i>durante x tempo</i>		
1 evento; o Tema atinge o Alvo (aceitabilidade duvidosa)	1 evento; o Tema não atinge o Alvo	1 evento; o Tema atinge o Alvo	ordem: até + durante		ordem: durante + até
			série de eventos; o Tema atinge o Alvo x vezes	1 evento; o Tema atinge o Alvo (aceitabilidade duvidosa) OU o Tema não atinge o Alvo	série de eventos; o Tema atinge o Alvo x vezes

Quadro 1: leituras resultantes da combinação de SPs com *para* e *até* e advérbios temporais

1.2.2. Preposições *para* e *até* e expressões de medição espacial

Um outro aspeto relevante, não apontado em Leal & Oliveira (2008), prende-se com a combinação dos verbos de modo de movimento com, simultaneamente, SPs com *para* ou *até* e expressões de medição espacial, como (16) e (17).

- (16) a. ??? O João caminhou 2 km para a escola.
b. O João caminhou para a escola 2 km.
- (17) a. O João caminhou 2 km até à escola.
b. O João caminhou até à escola 2 km.

Enquanto (16a), com a ordem “expressão de medição + *para*”, é muito pouco aceitável (ou mesmo agramatical), (16b), com a ordem inversa, é gramatical e *para* é interpretado como *na direção de*: infere-se que o João não chegou à escola (tal como acontece quando, em vez de uma expressão de medição espacial, ocorre *durante x tempo*).

Já quando ocorre *até*, nos mesmos contextos, surge uma leitura de um único evento e infere-se que o João chegou à escola, tanto com a ordem “expressão de medição + *até*”, como na ordem inversa (cf. (17)).

O quadro 2 sintetiza as distintas leituras apontadas às predicções analisadas nesta subsecção.

<i>para</i>		<i>até</i>	
ordem para + med. espacial	ordem med. espacial + para	ordem até + med. espacial	ordem med. espacial + até
1 evento; o Tema não atinge o Alvo	agramatical?	1 evento; o Tema atinge o Alvo	1 evento; o Tema atinge o Alvo

Quadro 2: leituras resultantes da combinação de SPs com *para* e *até* e expressões de medição espacial

1.2.3. Preposições *para* e *até* e o licenciamento de inferências

Finalmente, outro aspeto que diferencia *para* de *até* prende-se com as inferências que permitem. Assim, numa leitura de evento único, (18) permite a inferência em (19), mas (20) não permite a inferência em (21), mas apenas a de (22).

- (18) O João caminhou para a escola durante meia hora.
 (19) → O João esteve a caminhar para a escola durante essa meia hora.
 (20) O João caminhou até à escola durante meia hora.
 (21) ↯ O João esteve a caminhar até à escola durante essa meia hora.
 (22) → O João esteve a caminhar durante essa meia hora.

Em suma, enquanto com *até* se infere que a entidade Tema (que sofre o movimento) atinge tipicamente o Alvo, com *para*, quando combinado com adverbiais de medição temporal (*durante x tempo*) ou de medição espacial, surge frequentemente leitura em que a entidade Tema não atinge o Alvo. Associada a esta diferença, a distinção complemento/adjunto parece indicar que a contribuição de *para* e *até* para a delimitação dos eventos de movimento deve ser distinta (cf. Leal & Oliveira, 2008, que propõem que, ao contrário do que acontece com *até*, os SPs com *para* realizam uma delimitação aspetual da predicação em que se inserem).

2. Para uma explicação dos dados

Os problemas colocados pelos dados apresentados na secção anterior não são de fácil resolução. Tradicionalmente, a contribuição das expressões para a determinação do perfil aspetual das predicções em que se inserem tem considerado principalmente os casos das expressões nominais e dos adverbiais temporais. Recentemente, tem sido dada maior atenção à contribuição das expressões preposicionais, sendo estudado especificamente o valor semântico de algumas preposições. Procurou-se, naturalmente, num primeiro momento, verificar se as propostas relativas às expressões nominais se poderiam aplicar às expressões preposicionais. É neste sentido que apresentaremos de seguida uma hipótese “algébrica” para explicar a semântica das expressões preposicionais, que surgiu no seguimento de propostas como Krifka (1992, 1998), sobre a influência das propriedades aspetuais das expressões nominais na telicidade das predicções verbais. Dados os problemas que uma proposta desta natureza enfrenta para explicar os dados do PE, apresentaremos de seguida uma segunda hipótese para explicar os dados, recorrendo à noção de “escala”.

2.1. A hipótese algébrica

2.1.1. Enquadramento teórico (Zwarts, 2005)

De acordo com Zwarts (2005), as preposições direcionais contribuem para as propriedades aspetuais de uma frase de diferentes formas, dado que existe uma divisão no interior da classe das preposições. Há, assim, preposições que projetam SPs télicos

(delimitados), como *to the house*, e preposições que projetam SPs atélcos (não delimitados), como *towards the house*.

Por outro lado, ainda de acordo com Zwarts (2005), todos os sintagmas preposicionais se caracterizam por denotarem conjuntos de percursos. Contudo, só os SPs atélcos têm a sua denotação encerrada sob uma operação, a concatenação, pois só SPs atélcos possuem a propriedade da cumulatividade. A delimitação ou não delimitação de um SP deve-se essencialmente à natureza aspetual da preposição que o projeta: há preposições delimitadas (*to, into, onto, from, etc.*), preposições não delimitadas (*towards, along, etc.*) e preposições cuja delimitação é definida pelo contexto (*across, around, down, etc.*).

Nesta proposta, a noção básica é a de “percurso”, definido como uma extensão de espaço direcionado, tipicamente a trajetória ou órbita ao longo da qual um objeto se move. Um percurso tem um ponto inicial, um ponto final e pontos intermédios, sendo imposta uma ordenação não temporal sobre esses pontos intermédios: o ponto de partida de um percurso p é $p(0)$, o ponto final é $p(1)$ e para qualquer $i \in [0,1]$, $p(i)$ é o correspondente ponto no percurso.

Os SPs direcionais são interpretados, nesta proposta, como conjuntos de percursos, enquanto as preposições direcionais são encaradas como funções que ligam objetos a conjuntos de percursos, os quais são parcialmente ordenados pela relação de sub-percurso. Por seu lado, a relação de sub-percurso baseia-se na operação de concatenação: sendo p um percurso de A para B e q um percurso de B para C, $p+q$, a concatenação de p e q , é o percurso que toma p para ir de A a B e q para ir de B a C, desde que segundo percurso comece onde o primeiro acaba.

Como foi dito anteriormente, nesta proposta, o que unifica os SPs não delimitados é a propriedade da cumulatividade. Informalmente, um conjunto de percursos X é cumulativo sse a concatenação de quaisquer dois elementos de X se encontrar também na denotação de X .

Por fim, de referir que, em Zwarts (2005), à semelhança de Verkuyl (1993) e Krifka (1998) entre outros, se assume que as propriedades aspetuais são transferidas da denotação do SP para a denotação verbal por um papel temático com propriedades de homomorfismo através de uma função temática que liga eventos à sua extensão espacial: quando e é um evento de movimento, EXTENSAO(e) é o percurso seguido pelo tema de e (um argumento explícito ou implícito).

A inclusão dos dados descritos nas secções anteriores levanta problemas a esta proposta teórica que são de difícil resolução. Apontaremos de seguida dois problemas.

2.1.2. Problemas da hipótese algébrica

O primeiro problema que pode ser apontado à hipótese algébrica prende-se com as leituras (aparentemente) antagónicas que ambas as preposições exibem. De facto, tanto a preposição *para* como *até* estão associadas a predicções télicas e atélcas, embora de forma distinta. Por um lado, *para* é gramatical com *durante x tempo*, mas, para alguns falantes, de aceitabilidade duvidosa com *em x tempo* (cf. (13a) e (13b)). Por outro lado, *até* é gramatical com *em x tempo*, mas, para alguns falantes, agramatical ou de aceitabilidade duvidosa com *durante x tempo* (cf. (15a') e (15b)). Uma explicação da contribuição de *para* e *até* para a construção aspetual das predicções como a de Zwarts (2005) dificilmente explica todas estas variações, dado que teria de postular, para todos os SPs projetados por estas duas preposições, a mesma propriedade aspetual (cumulatividade ou não cumulatividade).

Um segundo problema prende-se com as leituras que podem ser atribuídas à combinação de *até* com *durante x tempo*. Como se viu anteriormente, um exemplo como (15a') pode apresentar, para além da leitura iterativa, duas outras leituras antagónicas: uma leitura de (um) evento incompleto (em que o João não chega à escola) e uma leitura de (um) evento completo (em que o João chega à escola). Estas três

leituras não podem ser explicadas se partimos do princípio de que o SP com *até* é meramente cumulativo ou não cumulativo. De facto, se a delimitação ou não delimitação de um SP se deve, pelo menos parcialmente, à natureza aspetual da preposição que o projeta, então *até* seria ou delimitada, ou não delimitada, ou teria a sua delimitação definida contextualmente. Se *até* for uma preposição delimitada, fica por explicar a leitura de (15a') em que o João não chega à escola. Se *até* for uma preposição não delimitada, fica por explicar a leitura de (15a') em que o João chega à escola. Finalmente, se *até* for uma preposição cuja delimitação é fixada contextualmente, fica por explicar a leitura iterativa de (15a'), na medida em que, para haver iteração, é necessário que a predicação básica seja delimitada, mas o adverbial *durante x tempo* cria as condições necessárias para uma situação não delimitada (“homogénea”, de acordo com Landman & Rothstein, 2012).

Em suma, os dados do PE relativamente à combinação de verbos do tipo *caminhar* com as preposições *para* e *até* mostram que uma proposta de tratamento baseada em modelos algébricos enfrenta problemas de difícil resolução.

2.2. A hipótese escalar

A segunda hipótese de explicação dos dados apresentados passa por considerar que os verbos de movimento como *caminhar*, que denotam percursos, podem ser analisados de forma semelhante aos *Degree Achievements* (doravante, DA), recorrendo à noção de “escala”. Esta perspetiva de abordagem das propriedades aspetuais tem origem num trabalho de Hay *et al.* (1999), onde se sugere que a descrição dos eventos pode ser associada a estruturas linearmente ordenadas, ou seja, a escalas.³

Efetivamente, os DA, que são predicções projetadas por certos verbos, tipicamente deadjetivais, apresentam telicidade variável (cf. Dowty, 1979), o que levanta problemas teóricos semelhantes, em alguns aspetos, aos surgem da combinação de verbos do tipo *caminhar* com as preposições *para* e *até*.

Os DA têm tido abordados essencialmente a partir de duas conceções teóricas: ou se considera que este tipo de predicções apresenta significado vago (cf. e.g. Abusch, 1986), sendo a telicidade determinada contextualmente, ou se considera que a telicidade variável dos DA está relacionada com as características das estruturas escalares dos adjetivos de que derivam os verbos. Adotaremos aqui a segunda posição e procuraremos ver, de seguida, de que forma podemos aproximar os DA em PE dos verbos de tipo *caminhar*.

De notar ainda que não são apenas as propriedades que podem ser descritas em termos escalares. Efetivamente, podem ser identificados três tipos distintos de escalas (cf. Rappaport Hovav & Levin, 2010), que se relacionam com tipos diferentes de verbos: (i) escalas de propriedades – associadas a verbos de mudança de estado; (ii) escalas de percursos – associadas a verbos de movimento direcionado; (iii) escalas de extensão – associadas a verbos de tema incremental.

2.2.1. Semelhanças e diferenças entre verbos de movimento do tipo *caminhar* e DA

Os verbos do tipo *caminhar* e os DA em PE partilham certas construções, o que indicia alguma similitude. Vejamos cada uma dessas construções.

³ Note-se que já em Krifka (1998) a abordagem algébrica dos verbos de tema incremental tinha sido estendida para dar conta, entre outros, de verbos de movimento direcionado.

1. Coocorrência com SPs com *até*

Embora não admitam um sintagma preposicional introduzido por *para*⁴ (cf. (18)), os DA, tal como os verbos do tipo *caminhar*, admitem um sintagma preposicional introduzido por *até* (*a*), tal como se pode ver em (19). Há, contudo, um aspeto a apontar relativamente ao estatuto do SP introduzido por *até*: se, no caso dos verbos do tipo *caminhar*, ele parece comportar-se inequivocamente como um adjunto, no caso dos DA tal estatuto é duvidoso (cf. (19b')).

- (18)a. * O líquido aqueceu para os 50 graus
b. O João caminhou para a escola.
- (19) a. O João caminhou até casa.
b. O líquido aqueceu até aos 50 graus
b'. * O que é que aconteceu ao líquido até aos 50 graus? Aqueceu.

2. Coocorrência com expressões de medição

Verbos do tipo *caminhar* e DA admitem também a coocorrência com uma expressão de medição (cf. (20a) e (20b)), que parece funcionar como complemento, tal como ilustra (21).

- (20) a. O João caminhou 30 metros.
b. O líquido aqueceu 30 graus.
- (21) * O que é que aconteceu ao líquido 30 graus? Aqueceu.

3. Coocorrência com adverbial *em x tempo*

Os verbos do tipo *caminhar* não admitem a modificação pelo adverbial temporal *em x tempo*, a não ser que esteja implícita uma distância determinada (cf. (22)).

- (22) a. */^{ok} O João nadou em 2 minutos.
b. O João nadou 200 metros em 2 minutos.

Já os DA variam: os de escala aberta recebem a leitura télica com mais dificuldade que os de escala fechada (cf. Leal, Ferreira & Cunha, 2011), tal como mostra o contraste de gramaticalidade que se verifica entre (23a) e (24a).

- (23) a. ?/^{ok} O líquido aqueceu em 2 minutos.
b. O líquido aqueceu {5 graus/até aos 5 graus} em 2 minutos.
- (24) a. O pneu esvaziou em 2 minutos.
b. O pneu esvaziou totalmente em 2 minutos.

4. Coocorrência com adverbial *durante x tempo*

Verbos do tipo *caminhar* e DA admitem sem problemas a modificação pelo adverbial temporal *durante x tempo*.

⁴ Neste aspeto, os DA aproximam-se dos verbos de modo de movimento do tipo *vaguear*, os quais, de acordo com Leal & Oliveira (2008) são lexicalmente atélicos, o que faz com que os SPs que coocorrem não determinem o perfil aspetual final da predicação.

- (25) a. O João correu/ nadou durante 2 minutos.
 b. O líquido aqueceu durante 2 minutos / O pneu esvaziou durante 2 minutos

2.2.2. Enquadramento teórico

No sentido de procurar uma explicação para as diferentes leituras que surgem da combinação dos verbos do tipo *caminhar* com as preposições *para* e *até*, assumiremos os seguintes pressupostos teóricos referentes aos DA.

De acordo com Kennedy & Levin (2008), o significado dos verbos deadjetivais que projetam DA é uma função que mede o grau em que uma entidade muda em relação a uma dimensão escalar no decurso de um evento: um DA aplica-se a um objeto x e a um evento e apenas se o grau em que x muda como resultado de participar em e exceder o *standard* de comparação de uma função de medição de mudança.

A noção de *standard* de comparação está intimamente relacionado com a questão da telicidade dos DA. De facto, os DA formados a partir de adjetivos que denotam escalas fechadas (com elementos máximos), como herdam as propriedades adjetivais, nomeadamente a propriedade escalar, só se aplicam se o indivíduo x envolvido em e exibir, no fim de e , o grau máximo da escala. Assim, estes DA podem ter uma interpretação de *standard* máximo lexical, caso em que não há nenhuma subparte de e em que x exiba o grau máximo, o que torna o evento télico⁵, mas também uma interpretação de *standard* mínimo, caso em que basta que haja uma qualquer mudança efetiva no grau exibido por x no decorrer de e , sem que seja necessário atingir o grau máximo da escala, o que torna o evento atélico. O exemplo (26), retirado de Leal, Ferreira & Cunha (2011), na interpretação de *standard* máximo lexical, permite a inferência de que o pneu está completamente vazio no fim do evento, mas, na interpretação *standard* mínimo, apenas se infere que, embora o pneu tenha pedido ar (relativamente ao ar que tinha no início do evento), efetivamente não está vazio no fim do evento.

- (26) O pneu esvaziou.

Relativamente aos DA formados a partir de adjetivos que denotam escalas abertas, como *endurecer*, dado que não existe um elemento máximo na escala, não pode haver interpretação télica de *standard* máximo lexical, mas apenas a interpretação atélica, de *standard* mínimo está disponível.

Relativamente à natureza das escalas, há a fazer duas observações. Em primeiro lugar, uma escala compreende três parâmetros (cf. Kennedy & McNally, 2005): (i) uma dimensão de medição, que indica o tipo de medição e a forma como os graus são interpretados (dimensão de TEMPERATURA, PESO, etc.); (ii) um conjunto de graus, com a especificação se existe um valor mínimo ou máximo na escala (são interpretados como valores de temperatura, peso, etc.); (iii) uma relação de ordenação, que explicita a ordem nos graus na escala (crescente ou decrescente).

Finalmente, e de acordo com Fleischhauer & Gameschlag (2014), os verbos que não lexicalizam todas as informações relativas à escala têm à sua disposição duas estratégias de inserção dos parâmetros em falta: (i) através de informação contextual; (ii) através da inserção de um argumento que denote uma escala.

⁵ Por não ser relevante para este trabalho, não estamos a considerar a distinção entre *standard* máximo lexical (o que é relevante para a discussão) e *standard* máximo contextual. Cf. Leal, Ferreira & Cunha (2011).

2.3. *Para e até*: uma análise escalar

Uma proposta escalar como a que acabamos de apresentar parece mais adequada aos dados, pelo menos, do PE. Assim, em primeiro lugar, assumimos que também os verbos de movimento têm subjacente uma estrutura escalar, à semelhança do que Kennedy & Levin (2008) propõem para os DA. Sugerimos também que não são só os verbos de movimento direcionado que denotam escalas de percursos (cf. Rappaport Hovav & Levin, 2010), mas também os verbos de modo de movimento.

Em segundo lugar, sugerimos que a escala de percursos associada aos verbos de modo de movimento se encontra subespecificada da seguinte forma: (i) está especificada a dimensão de medição (percursos); (ii) **não** está especificado o conjunto de graus, nomeadamente se há um valor máximo na escala; (iii) **não** está especificada a relação de ordenação (afastamento ou aproximação a um determinado ponto).

Finalmente, propomos que os SPs introduzidos por *para* e *até*, quando combinados com verbos de modo de movimento, contribuem para a especificação de um dos parâmetros da escala de percursos de maneiras distintas:

- a. *para* apenas determina a relação de ordenação, nomeadamente a aproximação a um determinado ponto definido pelo SP com *para*⁶; por outras palavras, esta preposição define a relação de ordenação através da definição de um ponto (um grau) arbitrário na escala de percurso do qual se vai aproximando o indivíduo *x* envolvido no evento *e*;
- b. *até* opera sobre o parâmetro do conjunto de graus e denota o elemento máximo que é contextualmente relevante, pelo que transforma a escala projetada pelo verbo de movimento numa escala fechada.

Assumindo os pressupostos elencados anteriormente, os dados sobre as possíveis combinações de verbos do tipo “caminhar” com as preposições *para* e *até*, apresentados em secções prévias, podem ser explicados da seguinte forma. Relativamente aos casos com *para*, a interpretação por defeito desta preposição é a interpretação atética, dado que *para* não define nenhum grau máximo (mas apenas um grau arbitrário na escala) e a escala projetada pelo verbo de movimento é uma escala aberta. Por outras palavras, apenas se verifica uma mudança efetiva no grau exibido por *x* no decorrer do evento, sem que tenha atingido um grau máximo da escala, dado que esse grau não existe. Cf. (27).

(27) O rapaz caminhou para a escola

Já num contexto em que é forçada a telicidade, com o adverbial *em x tempo*, como em (28), é necessária uma operação de mudança aspetual para salvar a interpretação da frase, o que explica que alguns falantes considerem estes casos como pouco aceitáveis, pois verifica-se uma incompatibilidade entre as informações veiculadas pelo verbo (uma escala aberta) e pelo SP (mera orientação da escala) com a informação do adverbial *em x tempo* (que requer uma predicação tética e, portanto, uma escala fechada). Provavelmente, é necessário que o ponto (grau) arbitrário que *para* denota seja reinterpretado como um grau máximo, o que leva a que *para* seja reanalisada de maneira semelhante à preposição *até*.

(28) O rapaz caminhou para a escola em meia hora.

Relativamente a *até*, a interpretação por defeito desta preposição é a interpretação tética, dado que *até* define um grau máximo e torna a escala projetada pelo verbo de

⁶Deste ponto de vista, *para* distingue-se de *de* (cf. *O João caminhou da escola para casa*).

movimento contextualmente fechada. Por outras palavras, a combinação de um verbo do tipo *caminhar* com a preposição *até* aplica-se se o indivíduo *x* envolvido no evento exibir, no fim desse evento, o grau máximo da escala. Assim, tipicamente, não há nenhuma subparte do evento em que *x* exiba o grau máximo (por outras palavras, não há nenhum subevento em que o Tema atinja o Alvo), o que torna o evento télico. Cf. (29).

(29) O rapaz caminhou até à escola

Num contexto em que é forçada a atelicidade, como quando coocorre o adverbial *durante x tempo*, podem verificar-se três situações distintas. Por um lado, a preposição *até* pode manter a interpretação de *standard* máximo, sendo feita a compatibilidade da predicação com o adverbial *durante x tempo* através de uma operação iterativa, que cria um predicado homogéneo. Cf. (30).

(30) O rapaz caminhou até à escola durante meia hora – n eventos de *o rapaz caminhar até à escola*

Por outro lado, pode dar-se o caso de a preposição *até* manter a interpretação de *standard* máximo, mas o adverbial *durante x tempo* funciona não como um operador de mudança aspetual, mas como um mero “medidor” temporal da situação (cf. (31)). Por outras palavras, o adverbial *durante x tempo* não altera as propriedades aspetuais da predicação em que se insere, funcionando apenas como uma espécie de retificação ou especificação da situação, pelo que é mais natural na ordem em que *durante x tempo* ocorre depois de *até*. Cf. (31).

(31) O rapaz caminhou até à escola durante meia hora – 1 evento de *o rapaz caminhar até à escola*; no fim do evento, o rapaz (Tema) chegou à escola (Alvo)

Por fim, apesar de *até* ter a interpretação de *standard* máximo, está também disponível a interpretação de *standard* mínimo, caso em que basta que haja uma qualquer mudança efetiva no grau exibido pelo indivíduo *x* no decorrer do evento *e*, sem que seja necessário atingir o grau máximo da escala (cf. (32)). Sendo a interpretação de *standard* mínimo, a eventualidade é atélica.

(32) O rapaz caminhou até à escola durante meia hora – 1 evento; o rapaz não chegou à escola

A opção, no caso dos SP com *até*, pela interpretação télica, de *standard* máximo, deve-se, tal como é apontado no caso dos DA, a princípios pragmáticos. De facto, a interpretação télica implica a interpretação atélica nestes casos, pelo que a primeira é mais informativa que a segunda, sendo cancelada apenas por motivos contextuais, ou, como no caso em apreço, composicionais.

3. Conclusões

As preposições *para* e *até*, embora aparentemente semelhantes, têm um significado que não é equivalente, pelo que, nos mesmos contextos, nomeadamente quando coocorrem com expressões de medição temporal, dão origem a interpretações aspetuais distintas. Esta diferença entre as preposições tem consequências no que diz respeito ao perfil aspetual das predicções em que surgem. Neste trabalho, verificamos que as diferenças entre *para* e *até* são evidenciadas quando se tem em consideração a telicidade das predicções com verbos do tipo *caminhar*. Embora ambas as preposições introduzam um SP que denota o termo espacial de um evento de movimento, a forma

como esse termo contribui para a telicidade das predicacões não é idêntica, pois verificam-se algumas diferenças de significado nos mesmos contextos.

Verificamos ainda que a contribuição das preposições *para* e *até* para a definição do perfil aspetual das predicacões com verbos do tipo *caminhar*, nomeadamente as pequenas diferenças interpretativas a que dão origem, não pode ser descrita adequadamente através de uma abordagem “algébrica”, ou mereológica. De facto, os dados apresentados mostram que a semântica destas preposições pode ser descrita de uma maneira mais eficaz se se usar a noção de “escala”, aproximando, desta forma, a análise destas construções de outras, aparentemente não relacionadas, como é o caso dos *Degree Achievements*. Nesse sentido, considerou-se que uma hipótese escalar está mais adequada aos dados apresentados para a descrição do valor semântico de *para* e *até*. Esta proposta assenta na ideia de que o significado dos verbos de movimento do tipo *caminhar* está associado a uma escala cujos parâmetros relativos ao conjunto de graus e à relação de ordenação se encontram subespecificados. A função dos SPs introduzidos por *para* e *até* é a de fornecerem a informação em falta: *para* fornece informação relativa à relação de ordenação, enquanto *até* fornece informação relativa ao conjunto de graus. O facto de fornecerem informação de natureza diferente justifica as diferentes leituras identificadas nos dados.

Referências

- Abusch, D. (1986) *Verbs of change, causation and time*. Center for the Study of Language and Information, Stanford University.
- Dowty, D.(1979) *Word Meaning and Montague Grammar. The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague’s PTQ*. Dordrecht: Reidel.
- Duarte, I. & Brito, A. (2003) Predicacão e classes de predicadores verbais. In Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Fleischhauer, J. & Gameschlag, T. (2014) We’re going through changes: How change of state verbs and arguments combine in scale composition. *Lingua* 141, pp.30-47.
- Hay, J., Kennedy, C. & Levin, B. (1999) Scalar structure underlies telicity in ‘degree achievements’. In Matthews T. & Strolovitch, D. (eds.) *Proceedings of SALT IX*. Ithaca: CLC Publications, pp.127-144.
- Kennedy, C & McNally, L. (2005) Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language* 81 (2), pp.345-381.
- Kennedy, C. & Levin, B. (2008) Measure of change: The adjectival core of degree achievements. In L. McNally & C. Kennedy (eds.) *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, pp.156-182.
- Krifka, M. (1992) Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Constitution. In Sag, I e Szabolcsi, A. (eds.) *Lexical Matters*. Center for the Study of Language and Information, Leland Stanford Junior University, pp.29-54.
- Krifka, M. (1998) The Origins of Telicity. In Rothstein, S. (ed.) *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp.197-235.
- Landman, F. & Rothstein, S. (2012) The felicity of aspectual for-phrases, part 2: incremental homogeneity. *Language and Linguistic Compass*. Oxford: Blackwell-Wiley, pp.97-112.
- Leal, A. & Oliveira, F. (2008) Subtipos de verbos de movimento e classes aspectuais. In *Textos Seleccionados do XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp.287-298.

- Leal, A. (2009) *Semântica Aspectual e Nominal. Contributo das Expressões Nominais para a Construção Aspectual das Frases*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto.
- Leal, A. (2010) A selecção de propriedades aspectualmente relevantes nos verbos de argumento incremental. In *Textos Seleccionados do XXV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp.487-498.
- Leal, A., Ferreira, I. & Cunha, L.F. (2011) Algumas reflexões sobre escalaridade e «degree achievements» em Português Europeu. In *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp.316-324.
- Levin, B. (1993) *English Verb Classes and Alternations: a Preliminary Investigation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Rappaport Hovav, M. & Levin, B. (2010) Reflections on manner/result complementarity. In M. Rappaport Hovav, E. Doron, e I. Sichel (eds.) *Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, pp.21-38.
- Verkuyl, H. (1993) *A Theory of Aspectuality. The Interaction between Temporal and Atemporal Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Zwarts, J. (2005) Prepositional Aspect and the Algebra of Paths. *Linguistics and Philosophy* 28, pp.739-779.